

Por uma etnografia da vida endividada



255

Han, Clara. 2012. *Life in debt: times of care and violence in Neoliberal Chile*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press.
ISBN: 9780520272101, 298 pp., 27.30€
DOI: http://doi.org/10.14195/2182-7982_36_12

A etnografia empreendida por Clara Han e publicada em livro sob o nome de *Life in Debt Times of Care and Violence in Neoliberal Chile* é uma forte contribuição ao campo de trabalhos etnográficos que tentam abordar o neoliberalismo para além do seu aspecto formal de sistema económico. Tendo como base um trabalho de campo de quase uma década de duração, o trabalho de Han busca, na intersecção entre a conjuntura de neoliberalização da economia e do Estado chileno e a rotina de famílias de um bairro pobre chamado La Pincoya, os efeitos práticos da ideologia do estado mínimo e as estruturas de endividamento em seus sentidos mais amplos. Neste sentido, ao buscar compreender as formas de aparição do modo de vida neoliberal

e descrevê-los a partir da experiência de seus componentes, é possível dizer que Han empreende, a partir das definições de Ingold (2018), uma antropologia do mundo neoliberal e uma etnografia da vida endividada.

Dialogando diretamente com David Graeber (2011), Han aprofunda as noções cotidianas de dívida ao fragmentá-la em seus sentidos sociais, económicos e morais. Dividido em seis capítulos para além da introdução e a conclusão, *Life in Debt* intercala descrições etnográficas de relações íntimas das famílias de La Pincoya com uma detalhada análise dos processos de implantação do neoliberalismo no Chile, na transição de uma ditadura militar a um governo democrático controlado pelo aparato estatal da época anterior.

A escrita desempenhada pela autora em sua etnografia é em si uma técnica de demonstração de sua proposta argumentativa das diferentes escalas e qualidades de endividamento proporcionada pelo processo de transformação neoliberal do Estado e da economia chilena. Han consegue acessar detalhes íntimos das famílias das quais trava interlocução, e descrições de brigas entre parceiros, filhos e irmãos são frequentemente feitas com a apresentação detalhada de motivos e contextos que apenas uma relação de intimidade pode fornecer. Em outros momentos, a autora faz ágeis movimentos entre a intimidade de seus interlocutores e processos conjunturais da relação entre o Chile e os processos neoliberais. O movimento entre o “particular e o geral” não se propõe, no entanto, a demonstrar uma causalidade determinista entre processos estruturantes e o cotidiano de sujeitos específicos. Han faz esse movimento de escalas para nos mostrar como processos estruturantes da história chilena produzem uma certa noção de “horizonte de possibilidades” para as famílias pobres do país, possibilidades estas que se relacionam cotidianamente com frustrações expressas em diversos momentos da vida dos habitantes de La Pincoya.

É a partir destas construções teóricas e metodológicas que a introdução do livro começa com uma cena sobre a comemoração do aniversário do 11 de Setembro Chileno e relacionando a dívida moral do Estado e a pobreza cotidia-

na de seu diário de campo. A introdução serve como visão geral do panorama histórico e estrutural do estado chileno e também como resumo do argumento do texto que tratará diretamente sobre as diferentes formas de dívidas vivenciadas pelo neoliberalização chilena.

Segue-se o primeiro capítulo do livro que começa com a descrição de uma tarde em La Pincoya e aprofunda as descrições sobre uma família específica composta por Flora, Ricardo, as filhas e as netas de Flora. O capítulo busca, no dia a dia da família, a maneira como a violência doméstica produz dívidas morais que se relacionam diretamente com outras formas de dívidas. O segundo capítulo produz uma descrição da circulação de dívidas e as diferentes formas de como o silêncio enreda esta circulação em imagens de obrigações mútuas, constrangimentos cotidianos e circulação simbólica da violência que se sente sem se publicizar. O capítulo que se segue, intitulado *“Torture, Love and Everyday Life”*, refere-se mais especificamente à maneira como violência e afeto se coadunam na vida cotidiana na vida das famílias de La Pincoya.

O quarto capítulo, chamado *“Neoliberal Depression”*, segue a vida de Letícia, uma moradora de La Pincoya e foca especificamente nas suas constantes dores físicas e como ela as relaciona com o processo de neoliberalização do Estado Chileno. É nesta parte do texto que se vê mais uma vez a estratégia textual da autora de relacionar descrições íntimas

de seus interlocutores com processos históricos do país. É assim que Han tenta traçar relações de mútua afecção entre as dores de Letícia e “as dores do país”. Os últimos dois capítulos e a conclusão de *Life in Debt* concentram-se em elicitare as especificidades da relação moral e material dos chilenos com as diversas formas de dívidas produzidas em sua história. Menos descritivos, os capítulos finais propõem-se mais a análises estruturais sobre a vida chilena em pleno período neoliberal; também é neste momento do texto que a autora se volta mais uma vez ao arcabouço intelectual de referência marxista ao discutir novamente David Graeber.

No final da leitura de *Life in Debt* experienciamos um misto de sensação entre a dificuldade de se ler sobre o sofrimento íntimo das pessoas retratadas e o esforço para entender o argumento intelectual produzido pela autora sobre a circulação das variadas formas de endividamento entre as diferentes escalas da vida social. Esta dupla sensação produzida pela leitura leva-nos também a duas observações críticas sobre a obra, uma de caráter ético e outra propriamente sobre o argumento do texto. As descrições produzidas por Han não são “fáceis” de ler: relatos de violência doméstica, frustrações cotidianas e vidas despedaçadas permeiam as centenas de páginas da obra e produzem, à primeira leitura, uma forte empatia para com as vidas das pessoas retratadas. Contudo, um olhar mais atento sobre a escrita de Han pro-

voca-nos questões sobre o caráter ético de descrições sobre a intimidade alheia seguindo os seus sofrimentos enquanto parte de um projeto intelectual.

Questões sobre o aspecto ético de trabalhos etnográficos não são novidade. A ideia de extrair do cotidiano de um determinado grupo de pessoas exposições textuais que ensejem uma abstração intelectual creditada a um determinado indivíduo é parte de discussões frequentes sobre mais valia intelectual e exploração do cotidiano alheio (Clifford, 1998). Porém, no caso de Han o que mais chama a atenção nestas descrições é uma certa estética do sofrimento alheio que precisa ir aos mínimos detalhes de cada uma das ações empreendidas. As brigas, discussões e frustrações em *Life in Debt* são apresentadas de maneira a explicitar a bruteza do cotidiano das famílias de La Pincoya de modo que ficamos em dúvida, ao final da leitura, se tal estética serve ao argumento final do texto ou a uma retórica que apenas produz empatia para com o sofrimento das classes pobres, empatia essa que geralmente se baseia em um forte sentimento de culpa que por sua vez parece produzir um tipo específico de dívida moral entre Han e seus interlocutores.

Para além do aspecto ético do texto outra questão sobressai sobre o argumento principal do texto: apesar das descrições se movimentarem com habilidade entre o cotidiano íntimo de La Pincoya e a conjuntura de neoliberalização

chilena notamos uma certa dificuldade em observar mais diretamente como é que as dívidas produzidas em cada uma das escalas se interseccionam e afetam. Uma das alternativas a esta dificuldade poderia ser a utilização mais forte da obra de Marcel Mauss (1974) sobre as relações de dádiva e contradádiva; um dos grandes teóricos sobre as relações baseadas em diversas camadas de endividamento, a presença tímida de Mauss no texto chama atenção como um todo.

Por fim, a escrita de *Life in Debt* é, sem dúvida alguma, um passo importante para o empreendimento intelectual de entender os efeitos do neoliberalismo nas populações pobres em sua materialidade, acessando seus detalhes cotidianos e tentando relacioná-los à estruturação de uma economia baseada na ideologia do Estado mínimo. Com descrições densas e proposta argumentativa original, a obra de Han é uma tentativa corajosa de dar materialidade a conceitos frequentemente utilizados de maneira abstrata como “sofrimento”, “desigualdade” e “neoliberalismo”, e esta tentativa é por si só um passo importante de compreensão do mundo na atual conjuntura de expansão feroz do ideário neoliberal.

Referências Bibliográficas

Clifford, J. 1998. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: Gonçalves, J. R. S. G. (org.). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

Graeber, D. 2011. *Debt: the first 5,000 years*. New York, Melville House Publishing.

Ingold, T. 2017. Antropologia vs Etnografia. *Cadernos de Campo*, 26 (1): 222-228. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernos-decampo/article/view/140192/140850>.

Mauss, M. 1974 [1923-24] publicado em 2003. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da taroca nas sociedades arcaicas. In: Mauss, M. (ed.). *Sociologia e Antropologia*, v. II. São Paulo, Cosac & Naif: 183-314.

Evandro Cruz Silva

Universidade Estadual de Campinas.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

cruzsilvaevandro@gmail.com